

***O USO DA TERRA E A APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO PELOS CAMPONESES –
AGROECOLOGIA COMO MECANISMO DE RESISTÊNCIA******THE USE OF LAND AND THE APPROPRIATION OF SPACE BY PEASANTS –
AGROECOLOGY AS A MECHANISM OF RESISTANCE******EL USO DE LA TIERRA Y LA APROPIACIÓN DEL ESPACIO POR LOS
CAMPESINOS – AGROECOLOGÍA COMO MECANISMO DE RESISTENCIA*****Rafael Resende Rodrigues**

Graduado em Geografia pela UEG - Universidade Estadual de Goiás, Campus Iporá, Iporá (GO) e Especialista em Gestão e Conservação do Meio Ambiente pela FMB - Faculdade Montes Belos, São Luis dos Montes Belos (GO).
rafaelpge@gmail.com

Resumo: A apropriação do espaço e o uso da terra há tempos vêm sendo objeto de estudo no campo geográfico. Essas questões tornam-se mais proeminentes quando as associamos ao uso que os assentamentos rurais e os camponeses, provenientes da reforma agrária, fazem do território e espaço físico, uma vez que essa ação estende-se para além do simples “o que fazer do espaço” e obtém caráter político e de resistência na luta pela terra, dando significado existencial para os povos ocupantes desses locais. O objetivo deste trabalho, propõe refletir sobre o modo que os camponeses que vivem e produzem na terra, se apropriam do espaço em que vivem, e como as técnicas de produção sustentáveis como a agroecologia, podem estreitar os vínculos deste não só com sua produção, mas sobretudo dando um caráter social de resistência e permanência na terra. Assim sendo, as relações que o homem estabelece com o espaço em que ocupa tornam-se ferramentas pujantes na consolidação de seu modo de usar e fluir nesse território e, conseqüentemente, dão ressonância eficaz à luta pela terra, reforçando a importância política e social de sua voz através de suas ações.

Palavras-chave: Uso da terra; Espaço e território; Camponeses.

Resumen: La apropiación del espacio y el uso de la tierra desde hace tiempo viene siendo objeto de estudio en el campo geográfico. Estas cuestiones se hacen más prominentes cuando las asociamos al uso que los asentamientos rurales y los campesinos, provenientes de la reforma agraria, hacen del territorio y espacio físico, ya que esa acción se extiende más allá del simple "qué hacer del espacio" y obtiene carácter político y de resistencia en la lucha por la tierra, dando significado existencial para los pueblos ocupantes de esos lugares. El objetivo de este trabajo, propone reflexionar sobre el modo que los campesinos que viven y producen en la tierra, se apropian del espacio en que viven, y cómo las técnicas de producción sostenibles como la agroecología, pueden estrechar los vínculos de este no sólo con su producción, pero sobre todo dando un carácter social de resistencia y permanencia en la tierra. Así, las relaciones que el hombre establece con el espacio que ocupa se convierten en herramientas pujantes en la consolidación de su modo de usar y fluir en ese territorio y, en consecuencia, dan resonancia eficaz a la lucha por la tierra, reforzando la importancia política y social de su voz a través de sus acciones.

Palabras-clave: Uso de la tierra; Espacio y territorio; Campesinos.

Abstract: The appropriation of space and the use of land has long been the object of study in the geographical field. These issues become more prominent when we associate them with the use that rural settlements and peasants, coming from agrarian reform, make of the territory and physical space, since this action extends beyond the simple "what to do from space" and has political character and resistance in the struggle for land, giving existential meaning to the occupying peoples of these places. The focus of this work, proposes to reflect on how the peasants who live and produce on the land, appropriate the space in which they live, and how sustainable production techniques such as agroecology, can strengthen the ties of this not only with their production, but especially giving a social character of resistance and

permanence on earth. Therefore, the relations that man establishes with the space in which he occupies become powerful tools in the consolidation of his way of using and flowing in this territory and, consequently, give effective resonance to the struggle for land, reinforcing the political and social importance of their voice through their actions.

Keywords: Land use; Space and territory; Peasants.

Introdução

A apropriação do espaço e o uso da terra há tempos vêm sendo objeto de estudo no campo geográfico. Essas questões tornam-se mais proeminentes quando as associamos ao uso que os assentamentos rurais e os camponeses, provenientes da reforma agrária, fazem do território e espaço físico, uma vez que essa ação estende-se para além do simples “o que fazer do espaço” e obtém caráter político e de resistência na luta pela terra, dando significado existencial para os povos ocupantes desses locais.

De acordo com Joice Aparecida Antonello Abrão (2010), no artigo intitulado “Concepções de Espaço Geográfico e Território”, o espaço pode ser definido através da relação de pertencimento para quem o ocupa e para quem este exerce suas influências.

[...] Surge a partir da intencionalidade social por meio da qual o homem se apropria do espaço natural transformando-o, através do trabalho, em espaço geográfico, ou seja, é resultado e condição da dinamicidade de relações que os homens estabelecem cotidianamente entre si, com a natureza e consigo mesmo (ABRÃO, 2010, p. 48).

Assim sendo, as relações que o homem estabelece com o espaço em que ocupa tornam-se ferramentas pujantes na consolidação de seu modo de usar e fluir nesse território e, conseqüentemente, dão ressonância eficaz à luta pela terra, reforçando a importância política e social de sua voz através de suas ações.

A ação é própria do homem e sempre se dará sobre o meio. Resulta de suas necessidades materiais, imateriais, econômicas, sociais, culturais, morais e afetivas; próprias ou criadas. Os sistemas de objetos, sua utilidade atual, passada ou futura é dada pelas relações sociais, do relacionamento do homem com o seu entorno. Tem papel simbólico, mas também funcional (ABRÃO, 2010, p. 48).

Compreendendo o espaço por este prisma, podemos afirmar que as ações que o homem constitui nele, de certa forma, moldam e delimitam seu território, fortalecendo assim o vínculo com a terra, criando pertencimento capaz de redimensionar

socialmente, culturalmente e politicamente todo o mundo a sua volta e, desse modo, transfere-se sentido funcional ao mundo produtivo que o cerca.

Nessa perspectiva, pretende-se destacar como o modo de produção familiar sustentável pode contribuir para um melhor entendimento, de como relacionam-se e como tais técnicas de produção influenciam estes agentes a perceberem e se apropriarem do espaço em que vivem.

Tais reflexões justificam-se pela necessidade de pontuarmos, com maior clareza, as relações existentes entre camponeses que vivem da terra e os vínculos estabelecidos entre eles e o mundo produtivo, bem como as ligações realizadas com o meio natural e suas percepções sociais, políticas e econômicas, para destarte no futuro delinear as estratégias que contribuam efetivamente com a luta e a permanência no campo.

Espaço e território, ambientes de resistência

Neste ponto necessário é a conceituação de espaço e território como elementos fundamentais de análise e compreensão das relações existentes entre camponeses, seus modos de produção e a luta pela terra.

No entanto tal conceituação se mostra complexa e árida no escopo de concluir um lastro entre tais conceitos e sua efetivação enquanto ferramenta de resistência e permanência dos agentes que deste espaço vivem, assim se consolidando como agentes de transformações sociais, culturais e econômicas.

Aqui entender o espaço como elemento central das relações sociais, culturais, econômicas e políticas, abre a possibilidade de compreensão deste como terreno das relações humanas, onde convergem contradições e movimentos humanos de construção e desconstrução de ideias, intencionalidades e objetivos inerentes as relações sociais, capazes de se sustentarem na dinâmica perene das relações e processos humanos, ou seja, por este entendimento, o espaço se mostra sempre aberto as ações humanas e por elas ganha vigor e dinamicidade.

Para evitar equívocos, é preciso esclarecer que o espaço social está contido no espaço geográfico, criado originalmente pela natureza e transformado continuamente pelas relações sociais, que produzem diversos outros tipos de espaços materiais e imateriais, como por exemplo: políticos, culturais, econômicos e ciberespaços (FERNANDES, 2005, p. 26).

O espaço está inserido na realidade e toda sua dinamicidade se ancora nas relações humanas e naturais que ali se movimentam, deste modo cabe dizer que o espaço e seu caráter multidimensional adquirem protagonismo no enlace das relações existentes neste, assim desvelando suas influências e contradições espelhadas nas ações dos agentes humanos inseridos neste processo dialético social-natural.

Sob este raciocínio, salientamos que a construção de um saber integrado sobre o espaço, como um conceito-chave da Geografia, exige uma conexão profunda entre o polo dos conhecimentos sobre a natureza sob o efeito da sociedade e o polo do conhecimento sobre como a sociedade concebe, se apropria e transforma a natureza, construindo a si própria (SOUZA, 2015 *apud* VIRIATO 2017, p. 88).

Para entender melhor este sistema, necessário é a compreensão de que o espaço é dinâmico, passível de transformações e interferências, e seu equilíbrio se funda na percepção do fazer, estar e permanecer inseridos neste. E assim a noção de multidimensionalidade vem à baila carregada de funcionalidades e significados, levando o entendimento desta categoria possível somente através do todo, e em todas as suas complexidades sociais, naturais, culturais, econômicas e políticas.

Noção preconizada por Lefebvre (2006), a partir da tese segundo a qual todo modo de produção “organiza, produz – ao mesmo tempo em que certas relações sociais – o seu espaço (e o seu tempo)”. Este entendimento sinaliza que a sociedade, em seu processo constitutivo de reprodução das relações sociais, produz continuamente o espaço num movimento incessante, tornando-o um produto da sua própria existência (VIRIATO, 2017, p. 93).

Assim entender o espaço através da óptica dialética entre relações humanas e modo de produção, em constante movimento de construção, reconstrução e produção, notadamente evidencia a multidimensionalidade das relações dos agentes produtores deste espaço e seus vínculos de pertencimento com sua cultura, produção e território ocupados e em movimentos. A intimidade destes agentes com seu espaço, pode ser traduzido em força política, cultural, social em meio a confluência de disputas por este, e, sobretudo convergir para a consolidação e permanência destes agentes no espaço ocupado por eles, transformando seu modo de produção do espaço em ferramenta eficaz de luta, resistência e transformações sociais capazes de balizar e salvaguardar sua própria existência cultural e social.

Quanto ao território, aqui seguiremos os ensinamentos de Bernardo Mançano Fernandes, onde aponta: “O território é o espaço apropriado por uma determinada relação social que o produz e o mantém a partir de uma forma de poder. Esse poder, como afirmado anteriormente, é concedido pela receptividade” (FERNANDES, 2005, p. 27), elucidando que o território se constitui e se estrutura a partir das contradições, produção e movimentos realizados pelos agentes inseridos neste espaço, que produz estruturas sociais ricas e complexas em toda a sua multidimensionalidade e facetas.

Seguindo este prisma, entendemos que as formas de poder que mantêm o território se fundam na lógica do “fazer” no espaço, no “produzir”, e a estreita relação social que o indivíduo mantém com estas estruturas e dinâmicas espaciais, reorganiza e retroalimenta suas formas de poder entrelaçados no bojo de suas experiências em quanto agentes inseridos neste processo.

A partir desse princípio, é essencial enfatizar que o território imaterial é também um espaço político, abstrato. Sua configuração como território refere-se às dimensões de poder e controle social que lhes são inerentes. Desde essa compreensão, o território mesmo sendo uma fração do espaço também é multidimensional. Essas qualidades dos espaços evidenciam nas partes as mesmas características da totalidade (FERNANDES, 2005, p. 27).

Assim as relações que o indivíduo mantém com sua terra, sua produção, e seu modo de vida, são traduzidas em efetivo poder, capaz de empoderar politicamente, culturalmente, economicamente e ambientalmente, balizando suas ações e alicerçando seu enraizamento no processo de permanência na terra.

O território é um espaço de identidade ou pode se dizer que é um espaço de identificação. O sentimento é a sua base e a forma espacial importa muito pouco, pois esta pode ser variável. O território pode mesmo ser imaginário e até mesmo sonhado. E, é a partir deste imaginário, deste sonho que sua construção tem início (MEDEIROS, 2009, p. 217).

Percorrendo a ideia de espaço e ocupação do território, em consonância com Medeiros (2009), de que eles estão relacionados à identificação, é que enveredamos na importância da utilização que os camponeses dão a sua terra, e, assim, procuramos identificar as práticas que tornam mola propulsora, capazes de alavancar e reforçar relações sólidas de pertencimento e intimidade com o espaço onde vivem.

É a partir das relações íntimas de trabalho e uso da terra que o homem mantém com o território ocupado, que surge o caráter humanizador. É nesse espaço que as relações são transportadas ao mundo fático e ganham concretude e forma, e

principalmente, obtêm força social, política, cultural e emocional, capazes de estabelecer vínculos de resistência.

Esta identidade, inicialmente, é de caráter político, social e cultural mas se redimensiona como territorialidade com a implementação do processo produtivo, da organização do espaço do assentamento com sua infraestrutura, suas novas relações sociais, econômicas e culturais (MEDEIROS, 2009, p. 219).

De acordo com Medeiros (2009):

A influência da cultura na organização do espaço do assentamento é marcante e é percebida à medida que o novo território vai se constituindo, se organizando e expressando os jeitos, as práticas que os camponeses trazem consigo ao longo de sua história de vida (MEDEIROS, 2009, p. 222).

Por essa perspectiva é que procuramos compreender a apropriação do espaço, através das percepções dos assentados e sua vivência cotidiana, suas práticas econômicas e políticas e sua construção cultural, o modo como eles cultivam a terra, as formas e hábitos empregados na produção e a relação que mantêm com o espaço natural que os cercam, todos esses elementos produzem efeitos centrais na compreensão dessas relações.

Ao particularizar esses vínculos, colhemos contornos decisivos na fixação da cultura e hábitos de produção sustentáveis capazes de gerar segurança econômica, alimentar e social que possam concretizar sua apropriação no espaço e garantir sua permanência na terra.

Desse modo, a produção ecológica além de garantir a conservação do meio natural e resguardar mecanismos de produção mais sustentáveis para as próximas gerações, tem o condão dialógico de enraizamento entre os agentes da terra e sua própria produção, evidenciando assim a lógica do uso do espaço e da apropriação pelo indivíduo inserido nesse processo.

No cerrado, uma diversidade humana se territorializou, estabelecendo processos de adaptação e conhecimento na utilização equilibrada dos bens naturais, garantindo sua reprodução, mas também cumprindo a tarefa de conservar a sua biodiversidade (JESUS; SOUZA, 2018, p. 195-196).

Sob essa base, fica patente a importância do modo que se relacionam os assentados da reforma agrária com o espaço onde produzem seu sustento. Essas relações constituem arcabouço rico em manifestações políticas, sociais, culturais e econômicas de relevância singular na apropriação da terra e oferta guarita humanizadora às práticas

de produção que valorizam o meio natural, propiciando, com isso, a valoração ao trabalho e a sobrevivência dos recursos naturais provedores de sua própria produção.

Entre a territorialização das populações autóctones e o avanço do agronegócio, uma diversidade de grupos sociais construiu, em relação dialética com a natureza, seus territórios de produção e vida (SOUZA, 2018, p. 195).

Portanto, a lógica do fortalecimento de vínculos que estreitam as relações do homem e o espaço natural em que vivem, e movimentos que se organizam coletivamente em torno de uma ideia e aceções comuns, tem o condão de formar ações aglutinadoras de caráter reivindicatório e de resistência.

A agroecologia e sua importância social

Inexorável, nesse ponto, são os valores e ideias das técnicas empregadas na produção agroecológica vistas, não somente sua ancoragem técnica, mas, sobretudo, sua abordagem social de uso e manejo da terra, seu acolhimento aos agentes e sua proeminente preocupação com a cautela ambiental.

Assim, entendemos a Agroecologia como uma proposta que, entre outras prerrogativas, prioriza os agricultores familiares camponeses como sujeitos centrais no processo de construção de um mundo mais sustentável e situa o território, culturalmente construído, como espaço privilegiado e prioritário para a projeção coletiva de alternativas de produção agroecológicas (JESUS; SOUZA, 2018, p. 205).

Uma das aceções de Agroecologia, de acordo com Anderson (2015, p. 40-41), pode ser entendida “enquanto ciência que agrega aos conhecimentos científicos os conhecimentos populares ou saberes tradicionais e locais de agricultores e agricultoras.” Dessa forma, fica evidenciada a face social dessa proposta que prestigia e valoriza os saberes e tradições populares daqueles que vivem da terra, estreitando os vínculos do homem com o meio natural e fortalecendo-os culturalmente no espaço onde vivem.

A fim de compreender e categorizar o termo agroecologia, os autores realizaram análise em diferentes países (como Alemanha, Brasil, Estados Unidos e França), nos quais constataram que, de um modo geral, o mesmo assume três principais definições: como ciência, como um movimento (político/social) e como prática (ANDERSON, 2015, p. 41-42).

Seguindo essa concatenação, destacamos o conceito de agroecologia como um movimento político/social, capaz de instrumentalizar socialmente, politicamente, economicamente e culturalmente os povos que a utilizam como prática de produção para se manterem no espaço em que ocupam e viverem da terra.

Em alguns países, a discussão sobre o tema ambiental e da agricultura ecológica teve início nos anos de 1960, o que incentiva a emergência de agentes políticos articulados em torno do subcampo ecológico e que procuram, no interior do campo agrícola, enfrentar o modelo dominante, construído de modo socialmente excludente e ambientalmente insustentável (PESSOA; BRANDENBURG, 2017, p. 87).

Ainda, consoante Veras (2005 *apud* PESSOA; BRANDENBURG, 2017, p. 91), os assentamentos rurais, mesmo se utilizando convencionalmente das práticas de produção, “[...] gradativamente [...] incorporam práticas ecológicas como um elemento de luta política”.

Sob essa ótica, a compreensão do modo como os movimentos sociais da terra utilizam-se das práticas agroecológicas, torna-se ferramenta fundamental para delinear, com maior clareza, a maneira como eles apropriam-se do espaço e conduzem seu modo de vida, de luta e de resistência, aqui cabe dizer, que o vínculo construído através de sua produção, de seu modo de vida e seus movimentos dentro do espaço e na constante construção do território, entrega aos camponeses subsídios e ferramentas políticas e culturais de resistência, de emancipação econômica e estabelece lastro consistente entre os atores deste processo e a terra.

Considerações finais

As considerações realizadas até aqui, mostra o espaço como um sistema social, que se estabelece através dos movimentos e relações humanas existentes nele, e se fortalece e ganha importância política, no ceio da dinâmica dos fluxos humanos existenciais inseridos no processo da complexa esteira da multidimensionalidade das relações humanas.

O território surge simultaneamente como resultado desta complexa dinâmica de relações, e a manutenção deste se perfazem através das disputas de poder existentes na construção das relações sociais seja de produção, sejam políticas, culturais ou econômicas existentes nele.

E as técnicas de produção agroecológicas de produção familiar no contexto do campo, mostra-se ferramenta sensibilizadora de permanência e luta destes atores da terra, e sua permanência no meio rural, sendo entendido aqui como sustentáculo no enraizamento e, ferramenta de empoderamento fazendo com que estes ganhem protagonismo social e se apropriem de seu espaço e território de modo consistente.

Referências

ABRÃO, Joice Aparecida Antonello. Concepções de espaço geográfico e território. **Sociedade e Território**, Natal, v. 22, n. 1, p. 46-64, jan./jun. 2010.

ANDERSON, Fabiana da Silva. **Processos de empoderamento e agroecologia: valorizando o trabalho das mulheres rurais?** 2015. 199 f. Tese (Doutorado em Agronomia). Escola de Agronomia, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

ANDRADE, Manuel Correia. Espaço agrário brasileiro: velhas formas, novas funções, novas formas, velhas funções. **GEO USP- Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 12, p. 11-19, 2002.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais. **Revista Nera**, Presidente Prudente, v. 8, n. 6, p. 14-34, jan./jul. 2005.

JESUS, José Novais de; SOUZA, Edevaldo Aparecido (Orgs.). **Do PRODECER ao Matopiba: consequências da modernização agrícola e as alternativas para o campesinato**. Goiânia: Vieira, 2018.

MEDEIROS, Rosa Maria Vieira. 2009. **Território, espaço de identidade**. [s.l.; s.n.], 2009.

PESSOA, Kauê; BRANDENBURG, Alfio. Novos agentes no movimento ecológico na agricultura brasileira. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**. Curitiba, v. 38, n. 133, p. 83-96, jul./dez. 2017.

SOUZA, Murilo Mendonça Oliveira de. **Agroecologia e resistência dos povos do cerrado: biodiversidade e diversidade cultural na construção de territórios agroecológicos**. [s.l.; s.n.], 2018.

SANTOS, Lilia Rezende dos; SANTOS, José Jackson dos. **As práticas agroecológicas e suas contribuições para o fortalecimento da agricultura familiar do município de Itororó - BA**. Cachoeira: Seminário da Pós-graduação em Ciências Sociais, 2015.

SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério (Orgs.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

VIRIATO, Matheus. Geografia e espaço: uma matriz teórica multidimensional para desmistificar a realidade social. **GeoPUC – Revista da Pós-Graduação em Geografia da PUC-Rio**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 18, p. 81-109, jan./jun. 2017.